

*MUITO VELHO PARA A TECNOLOGIA?  
COMO AS NOVAS TECNOLOGIAS  
DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
AFETAM AS RELAÇÕES SOCIAIS  
DE PESSOAS MAIS VELHAS EM PORTUGAL*

Celiana Azevedo<sup>1</sup>

resumo

Esta pesquisa analisa a importância do uso das novas tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente o computador, a internet e o celular, nas relações sociais de pessoas mais velhas em Portugal. Como metodologia, foram utilizados grupos focais e entrevistas semiestruturadas com um total de 21 seniores com idades entre 61 e 93 anos que viviam na região de Lisboa. Verificou-se que o celular foi maioritariamente visto como indispensável para as relações sociais, enquanto o computador e a internet foram apontados como benéficos, ajudando a construir novas percepções de tempo e de espaço. Portanto, a apropriação dessas tecnologias pode influenciar positivamente as relações sociais de pessoas mais velhas.

---

<sup>1</sup> Graduada em Jornalismo. Mestre e doutoranda em Ciências da Comunicação (UNL-FCSH) (CAPES). Pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa – CICS.Nova. E-mail: celianaazevedo@hotmail.com

## 1 Introdução

Em 2001<sup>2</sup>, o então Secretário-Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, disse que metade da população mundial nunca tinha feito ou recebido uma ligação telefônica (UN, 2001a). Em 2011, existiam seis bilhões de celulares em todo o mundo, correspondendo a uma penetração de 86% (ITU, 2012), e um terço da população mundial estava *online* (ITU, 2012). Portanto, na última década, ocorreram “desenvolvimentos nas tecnologias de informação e comunicação sem precedentes, fazendo com que essas tecnologias se tornassem parte indispensável do trabalho, da educação, dos cuidados de saúde, da comunicação e do entretenimento” das pessoas (CZAJA; LEE, 2007, p. 341).

Um outro fenômeno que tem acontecido de maneira “progressiva e rápida é o envelhecimento da população mundial” (UN, 2012, p. 19). Apesar de existirem diferenças entre regiões, essa realidade tem afetado “quase todos os países” (UN, 2012, p. 20). De acordo com as Nações Unidas (UN, 2012), em 1950 existiam em todo o mundo aproximadamente 205 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, em 2012 eram cerca de 810 milhões e as projeções indicam, para 2050, um total de 2 bilhões para essa faixa etária (UN, 2012). Portugal segue na mesma linha: em 1960, tinha 708.570 habitantes com 65 ou mais anos (INE, 2002), em 2011, os idosos atingiram 2.010.064 (INE, 2012), e, em 2050, esses números devem chegar a 2.685.400 (UN, 2001b).

Assim, duas grandes tendências têm chamado a atenção para as temáticas idosos e tecnologias: a rápida difusão das tecnologias de informação e comunicação – TIC – e o envelhecimento da população. Pesquisas sobre o uso de tecnologias como o celular, o computador e a internet, assim como o perfil do envelhecimento, estão cada vez mais juntas no debate acadêmico (CHEN, 2008) e justificadas pelo fato de que a sociedade da informação e do conhecimento (CASTELLS, 2000) também é a sociedade do envelhecimento (BERNARD; PHILLIPS, 2000).

O aumento da presença das tecnologias no ambiente doméstico, chamado por Charness e Schaie (2003) de *technicalization*, é uma importante expressão do

---

2 <http://www.un.org/press/en/2001/sgsm.doc.htm>

desenvolvimento cultural das sociedades ocidentais (industrializadas) que tem, por conseguinte, afetado a vida cotidiana das pessoas idosas. Dados recentes sobre Portugal indicam que a apropriação e uso das TIC aumentaram em todas as camadas da população, apesar de ainda existir uma distinção expressiva entre diferentes faixas etárias, especialmente se forem comparados os jovens com os mais velhos (OBERCOM, 2014). Em Portugal, a taxa de utilização da internet é de 94,1% entre os indivíduos com idade entre 15 e 24 anos, enquanto entre idosos (com 65 e mais anos) essa taxa baixa drasticamente para os 11,8% (OBERCOM, 2014); o computador é utilizado por 97% das pessoas com idades entre 15 e 24 anos e 25,4% por aqueles com idades entre 65 e 74 anos (OBERCOM, 2014); no caso do celular, a diferença é menos expressiva: 97% entre 15 e 24 anos e 63,7% entre os utilizadores da faixa etária mais velha (OBERCOM, 2014).

Com base nessas transformações, novas áreas no campo de estudos da gerontologia estão sendo exploradas, como as que Coulson (2000) chama de *gerontechnology* ou *geroinformatics*, que combinam métodos e instrumentos para conhecer melhor o processo de envelhecimento, bem como o ambiente onde as pessoas envelhecem. Isso acontece porque a “tecnologia está a crescer mais rápido do que a capacidade de entender as suas implicações” (COULSON, 2000, p. 314).

Portanto, um estudo em Portugal na área das ciências sociais que analise a relação de um grupo de seniores com as tecnologias de informação e comunicação (os computadores, a internet e os celulares), incidindo entre os que usam e os que não usam, as respectivas razões e motivações para esses comportamentos irá contribuir para um melhor entendimento de como vivem as pessoas mais velhas nessa sociedade amplamente tecnológica, que benefícios tiram dos *media* digitais e que dificuldades e constrangimentos enfrentam. Assim, surgem alguns pontos importantes para essa discussão e que são abordados na presente pesquisa:

- Procurar perceber se as suas histórias de vida e as suas relações sociais influenciam no uso ou no não uso do computador, da internet e do celular;
- Identificar que motivações existem para usarem ou não essas tecnologias;
- Identificar que tipos de atitudes possuem perante essas tecnologias (positivas, negativas, acham que contribuem ou não para a sociedade);
- Investigar se e de que modos usam essas tecnologias como uma ferramenta para mediar suas relações sociais.

A partir desse cenário, a discussão centra-se nos *media* e nas pessoas mais velhas portuguesas com o objetivo de responder à seguinte pergunta: qual é a importância do uso e apropriações das novas tecnologias de informação e

comunicação, nomeadamente o computador, a internet e o celular, nas relações sociais de um grupo de pessoas mais velhas em Portugal?

## 2 Tecnologias e o conceito de envelhecimento ativo

A relação entre sociedade, cultura e tecnologia é um tema clássico das ciências sociais que, muitas vezes, recorre à noção de indivíduo como um *biologisches Mängelwesen* (ser biológico incompleto), como descrito pelo antropólogo alemão Arnold Gehlen (1956). Curiosamente, a velhice e, em particular, a condição dos idosos mais velhos (com mais de 80 anos), poderiam ser interpretadas como uma forma extrema dessa condição humana. Por isso, a criatividade desempenha um papel fundamental na superação da incompletude humana através da utilização da tecnologia.

A Organização Mundial da Saúde adotou na década de 1990 o conceito de “envelhecimento ativo” e definiu-o como um processo de otimização de oportunidades na saúde, participação e segurança de forma a potencializar a qualidade de vida das pessoas idosas (WHO, 2002). Dentro desse contexto, para estimular um envelhecimento ativo, talvez a visão mais inovadora seja promover o uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Em 2012 o *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações* (AEEASG) foi um pretexto para estimular estratégias de combate à pobreza e às desigualdades sociais associadas às pessoas idosas. Uma das propostas apresentadas foi a utilização das TIC com o objetivo de trazer oportunidades criando mais acessibilidade a essas tecnologias e, consequentemente, suporte para um envelhecimento ativo e saudável (EUROSTAT, 2012).

Isso deve-se ao fato de que com a sociedade em constante mudança, muitos seniores estão em risco de se encontrarem isolados socialmente, com contato limitado a outras pessoas ou recebendo ajuda social inadequada (MELLOR; FIRTH; MOORE, 2008). Não ter acesso às tecnologias ou não ser capaz de usá-las pode agravar essa situação e colocar as pessoas mais velhas em desvantagem na capacidade de viverem independentes (CZAJA; LEE, 2007). Vários fatores podem contribuir para aumentar o risco de isolamento social. Por exemplo, a saída do mercado de trabalho, mudanças geográficas, a morte de familiares, do marido ou esposa, diminuindo a possibilidade de interagir socialmente. Outras causas também podem ser igualmente significativas: a degradação da saúde, dificuldades financeiras ou medos relacionados com a segurança (MELLOR; FIRTH; MOORE, 2008).

A inclusão social está diretamente ligada à posse de recursos necessários para uma efetiva participação social e econômica (SINCLAIR et al., 2007). Portanto, saber como aceder e usar essas tecnologias é cada vez mais importante para ter acesso à informação, a serviços e ao entretenimento, para manter relações sociais, para além de ser uma ferramenta essencial de trabalho. Contudo, o investigador americano John Horrigan (2014) afirma que essa realidade está evoluindo mais rápido do que o comportamento dos principais segmentos da população, especialmente dos adultos mais velhos.

O estudo *Active ageing e solidarity between generations: a statistical portrait of the European Union, 2012* (EUROSTAT, 2012), realizado nos 27 países da União Europeia, indicou que 10% das pessoas com 65 anos ou mais sentem-se excluídas da sociedade. Outra pesquisa desenvolvida em Portugal (OLIVEIRA et al., 2010) concluiu que o isolamento social (estar só mais que oito horas diárias) aumenta com a idade e que 38,8% daqueles com 65 anos ou mais se encontram nessa situação. Os níveis de isolamento social são significativos porque estão ligados a efeitos adversos na saúde e no bem-estar. Isso sugere que é importante identificar e implementar estratégias para estimular a interação social principalmente entre as pessoas idosas mais limitadas ao ambiente doméstico (EUROSTAT, 2012).

Pesquisas apontam que a utilização das tecnologias de informação e comunicação pode diminuir a solidão (COTTEN; ANDERSON; MCCULLOUGH, 2013), o sentimento de isolamento social (ALVES et al., 2012; COTTON; ANDERSON; MCCULLOUGH, 2013), sintomas de depressão e *stress* (COTTEN et al., 2012), aumentar a frequência da comunicação com familiares e amigos, assim como o acesso à informação (FERREIRA; ALVES, 2011; CHAUMON et al., 2013) e, por conseguinte, a qualidade de vida (PEREIRA; NEVES, 2011; GONZÁLEZ; RAMÍREZ; VIADEL, 2012; ROBERTO; FIDALGO; BUCKINGHAM, 2014; ORLANDI; PEDRO, 2014). Portanto, possuir literacia mediática (PETRELLA; PEREIRA; PINTO, 2012), ou seja, ser capaz de entender e usar as tecnologias de informação e comunicação, pode ser um fator determinante para diferentes gerações e grupos de pessoas lidarem com suas vidas diárias.

### 3 Orientações metodológicas

A metodologia utilizada foi de cariz qualitativo com a recolha dos dados feita através de grupos focais e entrevistas semiestruturadas. A maioria dos autores concorda que a principal vantagem dos grupos de foco é a interação dos entrevistados com o objetivo de gerar informação (MERTON; FISKE;

KENDALL, 1990; KITZINGER, 1995; MORGAN, 1996). De acordo com Martha Carey (1996, p. 226), *grupo de foco* pode ser entendido como uma técnica imprecisa que consiste em “uma sessão em grupo semiestruturada, moderada por um líder, realizada em um local informal com o propósito de coletar informações sobre um determinado tópico”.

Foi seguido o conceito de Halloran, que defende que deve-se fugir à tendência de perguntar o que os *media* fazem com as pessoas, e sim “perguntar às pessoas, com diferentes características sociais e, portanto, com diferentes possibilidades para controle, acesso, participação, experiências e técnicas, diferentes competências e habilidades, o que fazem com os *media*” (HALLORAN, 1998, p. 6). Como resultado, surgiram relatos coletivos e individuais sobre as suas experiências tecnológicas, desde a infância até a atualidade.

Apesar de existirem várias tecnologias de informação e comunicação, optou-se por trabalhar somente com o celular, o computador e a internet, pois são os principais meios que permitem uma comunicação interpessoal, ou seja, a troca de informação entre duas ou mais pessoas e, portanto, ideais para analisar as relações sociais. Buscou-se heterogeneidade para o desenvolvimento da presente pesquisa, pois um dos objetivos principais nos estudos da gerontologia é explorar as várias dimensões na vida dos idosos, analisar as variações e mostrar que o envelhecimento tem diferentes consequências para diferentes grupos de pessoas (PHILLIPSON, 2007).

Para a realização dos grupos de foco utilizou-se um guião com perguntas que serviram de base para conduzir as discussões de maneira que todos os tópicos propostos fossem abordados. As sessões tiveram, em média, duração de 60 minutos, foram realizadas entre maio de 2012 e janeiro de 2013 e os áudios foram gravados e transcritos para posterior análise. Considerando importante entender as perspectivas individuais sobre cada uma das questões abordadas, foram feitas entrevistas semiestruturadas com todos os participantes da pesquisa, posteriormente aos grupos de foco, e que proporcionaram dados sociodemográficos e outras informações complementares sobre a relação que possuem com as tecnologias e algumas características de suas vidas atuais. Vale ressaltar que as entrevistas individuais e os grupos de foco foram organizados e conduzidos pela presente autora e que a pesquisa foi desenvolvida sobre a supervisão do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa seguindo as normas éticas estabelecidas por esse centro de investigação.

Participaram da pesquisa 21 pessoas que viviam na região de Lisboa, com idade entre 60 e 93 anos (16 mulheres e 5 homens), divididas em quatro grupos focais. Para atender aos objetivos da pesquisa, concluiu-se que seria necessário que todos os participantes dos grupos de foco tivessem acesso às três tecnologias

alvo da investigação – o celular, o computador e a internet – e a possibilidade de usá-las, se assim desejassem. Uma outra característica utilizada para selecionar os participantes deste estudo foi o interesse em manterem-se socialmente participativos, uma postura relacionada com o conceito de envelhecimento ativo. Portanto, fizeram parte dessa amostragem pessoas que viviam em um Lar para Idosos e que aceitaram o convite para compartilhar suas experiências sobre o uso das TIC (grupo 1), que frequentavam cursos de informática direcionados para idosos (grupo 2 e 3) e que frequentavam uma universidade sênior (grupo 4). Consequentemente, acabou por prevalecer pessoas com escolaridade acima da média e, portanto, pouco representativas das pessoas mais velhas em Portugal que, em sua maioria, possuem baixo nível escolar.

## 4 Análise e discussão dos resultados

### 4.1 Histórias de vida: "Naquela época a comunicação era totalmente diferente"

Um terço dos 21 participantes desta análise possui mais de oitenta anos. Essa faixa etária é composta por pessoas que possuem as mais longas experiências sobre mudanças sociais e aquelas que, ao longo de suas vidas, presenciaram inúmeros surgimentos e evoluções tecnológicas (HAGBERG, 2012), como constata-se a seguir:

Eu nasci antes de 1920. Nesta altura havia pouca comunicação social. Depois, passados uns anos, as coisas foram aparecendo. (ANACLETO, 93 ANOS)

Eu lembro-me com certeza disso tudo, já tenho muita idade. E fomos acompanhando essas evoluções, sempre um modelo novo, foi sempre evoluindo até chegarmos ao computador. (HELENA, 87 ANOS)

Como exemplo, Hagberg (2012) descreve esses idosos como aqueles que literalmente “rodaram os botões dos rádios, das primeiras máquinas de lavar, armazenaram alimentos nas despensas, nas geladeiras e nos porões, fizeram operações matemáticas com uma régua de cálculo, escreveram com tinteiro, viajaram de trem a vapor e fizeram ligações telefônicas com a ajuda de uma telefonista” (HAGBERG, 2012, p. 89). Essas experiências estão há muito mescladas na memória de quando eram crianças, andavam na escola, começaram as suas carreiras profissionais e constituíram suas famílias. Também pode-se afirmar que estão exclusivamente ligadas à geração a que pertencem pois,

levando em consideração o ambiente tecnológico em que se vive hoje, essas particularidades não serão repetidas.

Os participantes mais velhos destacaram as dificuldades que existiam para aceder à informação, ao mesmo tempo que fizeram um antagonismo com os dias atuais. Apesar de não desvalorizarem sua infância, reconheceram que ser jovem hoje é vantajoso, pois o ambiente tecnológico que proporciona grande facilidade para comunicar. Isso descortina o senso comum de que muitos idosos acreditam que “o bom mesmo era na minha época”:

Eu digo que toda a juventude tem muita sorte em viver neste tempo, embora eu não prescindia do meu tempo que passou, mas que ainda está cá dentro. (SUSETE, 82 anos)

Tinha o programa que se chamava Hora da Saudade e eu ia todas as semanas para falar para o meu pai que nessa altura estava em África. Portanto, era uma comunicação, mas lá está, pela rádio, porque de resto agora é tudo nos computadores. (CONCEIÇÃO, 85 anos)

#### 4.2 As relações sociais: “Tenho o Skype para ver a minha neta”

Para certas pessoas, existe uma ambivalência entre o uso das tecnologias de informação e comunicação, as relações sociais e as atividades relacionadas com o bem-estar. Para elas, estar on-line significava estar isolado ou um substituto para atividades físicas e o contato social “cara a cara”. Nesta pesquisa, o que se observou foi o contrário, talvez devido à idade mais avançada, esses seniores não usam as TIC como forma de substituir o contato presencial, mas para aceder às pessoas que estão geograficamente inacessíveis. Alguns participantes possuem familiares que vivem em outros países e apreciaram os benefícios que as tecnologias podem trazer às suas relações sociais:

Tenho o Skype para ver a minha neta que vive em Londres e isso também gosto muito. (HELENA, 87 anos)

Tocou-me muito quando eu fiz os meus 80 anos. O meu neto estava na Califórnia, a 10.000 km de distância, e falamos um com o outro através da internet. (SUSETE, 82 anos)

Como já foi referido, atualmente, vive-se um período de mudanças sociais que fazem parte de uma transição sociotecnológica constante. Com base nessa realidade, a internet pode ser um poderoso catalisador para encorajar



as pessoas que vivem em uma mesma comunidade a se encontrar e começar e ter uma comunicação off-line (NIMROD, 2011).

A partir das narrativas dos entrevistados, ficou claro que o celular e a internet fortalecem as ligações das redes sociais já existentes, mas, em nenhum dos casos, essas tecnologias serviram para potencializar o contato com novas pessoas e, conseqüentemente, aumentar os relacionamentos sociais. Na verdade, verificou-se que contribui para a restrição dessas redes, pois tornam-se mais seletivas. Dentro desse contexto, o celular, o computador e a internet podem suprir, reforçar, substituir outras formas de comunicação e ilustrar de uma maneira sistemática esta ambiguidade: a capacidade de conectar-se e desconectar-se, de interagir e de isolar-se, fazendo com que exista preocupações de que as redes sociais se tornem muito individualizadas resultando em um efeito *telecocooning* (HABUCHI, 2005):

Não ajuda a aumentar os amigos. Os amigos que temos e os que comunicamos são a mesma coisa. Não alarga as redes sociais, mantém as de sempre. (FRANCISCA, 65 anos)

O meu marido tem telemóvel<sup>3</sup> como eu. Ele olha e vê se é um número que lhe interessa, se não for, não atende. (MARIA, 66 anos)

Durante a análise, foram identificadas características semelhantes às encontradas no trabalho de Johnsen (2003) e de Duran et. al (2011), que explicaram que a comunicação tem uma função importante para além da troca de informação, tornando-se uma forma, muitas vezes, sem conteúdo ou outra função que não seja a de manter o contato social. Green e Singleton (2013) argumentam que as relações próximas podem ser geridas com ligações ou troca de mensagens, nas quais a pessoa que atende à ligação reforça o compromisso ao manter o telefone por perto: “O celular pode ser visto como uma tecnologia particularmente útil para mães que permanecem muito tempo no ambiente doméstico, pois elas podem reafirmar seus laços sociais através de chamadas de curta duração” (GREEN; SINGLETON, 2013, p. 46). Nesse contexto, o ato de ligar pode sobrepor-se ao conteúdo da chamada, como o que acontece no caso a seguir:

Eu com as minhas filhas estou sempre em contacto com elas através do telemóvel. Às vezes não temos nada importante para falar, mas a gente liga todos os dias. (JOSEFA, 68 anos)

---

3 Correspondente a *celular* no Brasil.

#### 4.3 As relações intergeracionais: "O meu neto perguntou-me se eu era do tempo dos dinossauros"

Possuir literacia mediática, ou seja, ser capaz de entender e usar as tecnologias de informação e comunicação (ROBERTO; FIDALGO; BUCKINGHAM, 2014), pode ser um fator determinante para diferentes gerações e grupos de pessoas lidarem com suas vidas diárias. Supostamente, os idosos deveriam acompanhar a evolução das novas tecnologias, pois estas têm o potencial de abolir diferenças e limites geracionais. Argumenta-se, no espírito pós-moderno, que a idade se tornará irrelevante no mundo digital e virtual e o "‘novo velho’ terá a oportunidade de escolher entre estilos de vida e identidades ou, ainda mais espetacular, irá emergir através da tecnologia, como uma nova pessoa, um ‘tecno-indivíduo’" (HAGBERG, 2012, p. 95).

Há referências sobre uma categoria conhecida como *silver surfers* (SELWYN, 2003), ou seja, um grupo de seniores que usam e dominam as tecnologias de informação e comunicação, principalmente a internet. Apesar do aumento contínuo do número de pessoas mais velhas que integram essa categoria, existe pouca evidência que sustente a existência de uma geração de *silver surfers* em Portugal, onde as taxas de utilização da internet rondam os 10% (OBERCOM, 2014).

Apesar disso, a noção de *silver surfers* reforça a ideia de que essas pessoas beneficiam-se das TIC e que a habilidade de usar as tecnologias significa a construção de uma "ponte" que diminui as diferenças quando comparados às gerações mais jovens. O objetivo desta pesquisa não é o de identificar a existência da categoria de *silver surfers* entre os seniores que fizeram parte da amostragem, pois para isso seria necessário uma outra abordagem metodológica, no entanto, nota-se, neste excerto, que saber como usar o computador e a internet pode facilitar o diálogo e, conseqüentemente, as relações intergeracionais. Com base na pergunta "O fato de terem aulas de computação e de estarem a aprender a usar a internet facilitou, de alguma maneira, o diálogo com outras pessoas?", os seguintes idosos responderam:

Claro, aprendemos também os termos certos da comunicação e antes eu não conhecia. Agora quando os mais novos falam já entendemos "ah, pois, é isso". (PAULA, 64 anos)

Eu concordo e acho outra coisa muito importante: é que eles deixam de olhar para nós como se fôssemos analfabetos, os velhotes. (JOANA, 62 anos)

Eu tenho um neto que uma vez me perguntou se eu era do tempo dos dinossauros, por eu não saber mexer no computador. A gente precisa ir avançando, acompanhar... (ISABEL, 73 anos)

Para alguns teóricos, a própria ideia da “cultura” ou “sociedade”, não poderia agora ser entendida plenamente sem o reconhecimento de que os dispositivos tecnológicos, como o computador, não só apoiam ativamente como constituem uma corporificação da vida, das relações e das instituições sociais (LUPTON, 2015). Os antropólogos Daniel Miller e Heather Horst (2012, p. 4) afirmam que as tecnologias digitais “tornaram-se uma parte constitutiva do que nos torna humanos”. Isso faz com que o computador pessoal tenha tornado-se um símbolo de eficiência e participação na era da informação ao ponto de chegar a ser constrangedor admitir não possuir conhecimentos para usá-lo. As gerações mais velhas são consideradas problemáticas, com falta de confiança e vistas como pouco capazes de acompanhar o processo de inovação e difusão tecnológica (VAN DEURSEN, 2012). As razões que explicam esses problemas podem estar fundamentadas no fato de que não tiveram a oportunidade de adquirir conhecimentos sobre os computadores na escola, como acontece com as gerações mais jovens (VAN DEURSEN, 2012), ou mesmo no mercado de trabalho.

Quando foi perguntado às pessoas que fizeram parte desta pesquisa o motivo pelo qual decidiram usar os computadores, surgiram várias razões. Alguns disseram que se sentiam “deixados para trás” e que aprender como usar a internet ajudou-os a identificarem-se com a sociedade atual. Também foi interessante notar como a iliteracia mediática foi constantemente associada ao analfabetismo:

Sentia-me muito diminuída sem o computador. Eu sentia-me como se não soubesse ler, uma pessoa analfabeta. (JOSEFA, 68 anos)

Eu vim [para as aulas de informática] por vergonha. Eu não sabia nada. (ANA, 69 anos)

Hoje, não saber mexer nos computadores é muito mal, é a mesma coisa que não ter a quarta classe. Saber como usar um computador é acompanhar a sociedade. (ANA, 69 anos)

Eu tenho um neto de sete anos e qualquer coisa ele pergunta à mãe. Se mãe dizia que não sabia, ele ia procurar a resposta no computador “oh mãe, já sei”. Ele tem sete anos e eu sentia-me mal, um bocadinho... (ISABEL, 73 anos)

#### 4.4 Aprender para manter-se ativo: "As pessoas comentam os meus poemas, acho isso maravilhoso"

Entre os participantes, somente um começou a utilizar o computador e a internet espontaneamente, ou seja, sem frequentar aulas de informática. Essa idosa de 87 anos (Helena) faz parte dos chamados "velhos-velhos" (OLIVEIRA, 2005), cujas características passam pela alteração significativa do ritmo de suas práticas cotidianas e das suas relações sociais, deterioração da saúde, diminuição das forças e do círculo de amizade (HAGBERG, 2012). Essa idosa, para além de aceder a informações on-line, é produtora de conteúdos, pois possui um blog onde tem mais de 100 poemas de sua autoria<sup>4</sup> e que, recentemente, foram publicados em um livro. Assim, para ela, usar a internet é uma forma de continuar ativa e participativa na sociedade o que, de certa forma, contraria as características da faixa etária a que pertence:

Lembro-me de aprender a escrever à máquina e fazer o curso [...] Eu comecei a aprender [a utilizar um computador] há três anos. Hoje em dia já faço umas coisitas, embora seja pouco. Depois do almoço, enquanto os outros estão a dormir, eu estou no computador a escrever. Também tenho um e-mail e as pessoas comentam meus poemas, acho isso maravilhoso. (HELENA, 87 anos)

O computador e a internet são uma forma de entretenimento de produção e divulgação de informação e também uma maneira de ajudar a diminuir o isolamento cultural como verifica-se a seguir:

Eu necessito mais do telemóvel do que do computador, mas gosto muito do computador porque vejo coisas que não pude ver, muitos países porque não fui visitá-los todos. (HELENA, 87 anos)

Esses dias, procurei informações sobre exposições, sobre pintura. Tudo que havia sobre exposições de pintura em Portugal. (MARGARIDA, 61 anos)

Lá (na internet) tem qualquer informação que a gente queira, sobre cinema, teatro, por exemplo. (ANA, 69 anos)

Os seniores expressaram interesse em aprofundar os seus conhecimentos ao pensar na independência que a tecnologia poderá proporcionar-lhes no futuro quando forem mais velhos e com menor mobilidade. Dessa maneira, dominar conhecimentos relacionados com as tecnologias é uma forma de se

---

4 Disponível em: <<http://www.luso-poemas.net/modules/news/index.php?start=0&storytopic=0&uid=16735&filter=1>>.

preparar melhor para a velhice e contornar problemas gerados pelo processo de envelhecimento mais avançado (EUROSTAT, 2012):

Às vezes chego a pensar “as pessoas fazem as compras de supermercado *online* e eu penso: como é possível?”. Hoje não preciso disso, não gosto, mas é bom que a gente saiba, por isso estou a aprender, porque no futuro eu posso precisar. Posso um dia não poder sair de casa, posso partir uma perna e as compras podem vir ter à casa, não é? Tenho que ter mais conhecimentos e aprofundá-los, porque tem sempre aquela bolinha de medo. (OLINDA, 69 anos)

#### 4.5 Explorando o não uso das tecnologias:

“O Senhor Mota também é o meu meio de comunicação”

Segundo Selwyn (2004), muito do interesse acadêmico pelos idosos e as tecnologias é baseado na presunção de que o uso das TIC é uma atividade útil e desejável em todos os setores da sociedade. Porém, segundo o autor, a retórica da “sociedade da informação” oculta o fato de que, para muitos seniores, ao lidar com questões do dia a dia não é necessário o envolvimento das TIC e, portanto, “talvez deve-se considerar uma ‘relativa vantagem’ e uma ‘relevância situacional’ das TIC pelas pessoas mais velhas” (SELWYN, 2004, p. 381).

Apesar de todos terem acesso a um computador, no momento em que as discussões foram realizadas, quatro participantes disseram nunca ter utilizado um computador. Essas pessoas têm idades entre 80 e 93 anos e viviam num Lar de Idosos com livre acesso a uma biblioteca com computador e internet, mas, mesmo assim, não se sentiram motivados para usar essa tecnologia. As razões dadas estão de acordo com outros estudos que apontam para a falta de saúde (KHVOROSTIANOV; ELIAS; NIMROD, 2012; NEVES; AMARO, 2012), o não acesso a um computador quando ainda estavam no mercado de trabalho (DIAS, 2012), preferir outros tipos de passatempos e atividades ou simplesmente o fato de não quererem usar um computador, característica essa descrita por Turkle (1986) como *computer reticence*:

Sim, a minha filha já tentou ensinar-me a usar os computadores, mas sou mandriona e não quero aprender. A minha filha adora o computador, os meus netos, mas eu sou muito mandriona. (CORINA, 80 anos)

Eu gosto muito de pintar de forma que prefiro poupar a visão para essas coisas e não para estar no computador. (SUSETTE, 82 anos)

Também pode-se interpretar a resistência de alguns idosos às novas tecnologias como consequência de pertencerem a um grupo, cujo conhecimento e experiência prática em lidar com o novo é limitado (HAGBERG, 2012). Para além disto, a tecnologia é desenvolvida, em sua maioria, para as pessoas jovens que são, quase sempre, os primeiros a usá-la. Assim, é admissível afirmar, como faz Hagberg (2012), que estar totalmente apto a usar uma tecnologia também é uma questão de informação, educação e persuasão, mas “também é possível interpretar a resistência como uma consequência emocional e existencial ligada à idade avançada” (HAGBERG, 2012, p. 98):

A primeira vez... comecei a rejeitar aquilo [computador], porque tudo que é novo, para nós que temos uma certa idade, faz-nos uma certa confusão. (JOSÉ, 74 anos)

Eu tinha uma filha solteira e ela dizia “Oh mama, por que não mexes no computador?” Eu tinha receio que ela tivesse trabalho lá e eu estragasse ou destruísse aquilo. (ISABEL, 73 anos)

Medir o fosso digital baseado no acesso e posse das TIC não é eficaz, pois não retrata adequadamente os padrões de envolvimento com as tecnologias disponíveis. Crang e Graham (2005), por exemplo, sugerem que embora algumas pessoas não tenham acesso direto à internet, talvez tenham vizinhos, familiares ou amigos que forneçam esse acesso e suporte. Esse aspecto foi particularmente observado no primeiro grupo de foco, cujos participantes viviam no Lar de Idosos e onde se encontravam as quatro pessoas que nunca usaram um computador. O membro mais jovem desse grupo é também aquele mais familiarizado com o computador e com a internet e, por este motivo, assumiu o papel de “facilitador” para os outros moradores do Lar que não dominavam essas ferramentas:

Uso muito ali o Senhor Mota. Quando preciso de mensagens dos filhos é através do Senhor Mota. Eu tenho um filho a trabalhar em Angola, de maneira que o Senhor Mota também é o meu meio de comunicação [todos riem]. (CONCEIÇÃO, 85 anos)

O exemplo acima está de acordo com o trabalho de Maria Raquel Patrício (2014), que fala da importância da ajuda mútua como uma eficiente forma de combater a exclusão social e contribuir para o desenvolvimento de atividades importantes no cotidiano das pessoas.

As apropriações e usos que estes seniores dão às tecnologias foram influenciadas pelas suas histórias de vida e diferenças sociais, de classe, culturais, geográficas, de educação, de carreiras profissionais e juntas definiram uma série de expectativas, necessidades e competências que marcaram diretamente o modo como lidam com as tecnologias de informação e comunicação. Portanto, a influência por detrás das pessoas é multifacetada e histórica com indivíduos vivendo “percursos tecnológicos” mediados por contextos tanto individuais como do ambiente a que pertencem.

Para alguns dos participantes deste estudo, a diminuição da habilidade de se deslocarem, o aumento do isolamento social e a falta de estimulação na participação da vida pública são aspectos que fizeram com que o celular se tornasse parte importante de suas vidas. Falaram dessa tecnologia como algo que permitia manter contato, a qualquer momento e em qualquer lugar, com aqueles que estão geograficamente afastados, potenciando as relações sociais e contribuindo para a inclusão social, principalmente no caso dos mais idosos.

Aqueles que usam os computadores e a internet fazem-no principalmente em casa e por diversas razões: para manter contato com familiares e amigos que estão fisicamente inacessíveis como, por exemplo, parentes que vivem em outros países; porque é mais barato conversar pelo computador; pela possibilidade de ver a imagem da pessoa (através do *Skype*) e para fazer compras. Essas tecnologias também foram descritas como fontes de entretenimento, como ferramentas de pesquisa sobre os mais diversos interesses, como meios de produção e divulgação de conteúdos culturais e, principalmente, de acesso à informação ajudando-os a formar um entendimento mais amplo da sociedade portuguesa e do mundo.

A visão geral que possuem das tecnologias está longe de ser negativa e esteve quase sempre ligada à rapidez da transmissão da informação e descritas através de expressões como “fantástico”, “maravilhoso”, “um milagre”, “essencial”, “necessário”, “agradável”, “tudo de bom”, e “importantíssimo”. O celular foi maioritariamente visto como indispensável para as relações sociais, uma ajuda no caso de emergência e útil tanto no ambiente doméstico como no profissional. Com relação aos computadores e à internet, foram considerados quase como tecnologias “mágicas” por reconhecerem os benefícios que trazem à sociedade, construindo novas percepções e categorias de tempo e espaço. Foi curioso ouvir como a impossibilidade de usar o computador e a internet foi associada a termos negativos como “vergonha”, “analfabetismo” e “sentir-se mal”. Portanto, saber

como usar esses recursos, para este grupo de seniores, significou diminuir as diferenças que os separam das gerações mais jovens e, consequentemente, potenciar as relações intergeracionais.

Se alguns dos entrevistados demonstraram pouco ou nenhum interesse em aprender como usar os computadores, classificá-los como “não usuários absolutos” seria errôneo, pois a falta de literacia digital foi, muitas vezes, ultrapassada buscando “favores tecnológicos” de outras pessoas. Assim, fazendo referência a uma perspectiva mais teórica, há a necessidade de contrariar o debate público e as pesquisas sobre o *digital divide*, que ainda estão muito centradas na tecnologia por si só e não refletem sobre a complexidade do processo de difusão, adoção e integração da internet. Portanto, não se deve analisar as pessoas simplesmente como “os que têm e os que não têm” acesso, ou ainda como “os que sabem e os que não sabem” como utilizar essas tecnologias, mas como o que fazem com essas tecnologias e que estratégias possuem para utilizá-las.

Ainda que os computadores, a internet e o celular tenham ficado mais acessíveis à população em geral, há relativamente pouco tempo são instrumentos capazes de modificar profundamente a sociedade, pois redefiniram os limites e as possibilidades para comunicar. São capazes de suplantar barreiras geográficas, proporcionando oportunidades para as pessoas manterem e alargarem suas redes de contatos beneficiando as pessoas mais velhas, especialmente aquelas que vivem sozinhas ou com dificuldades de se locomover. A partir das narrativas analisadas, assim como os componentes teóricos apresentados, pode-se afirmar que a apropriação e uso do celular, do computador e da internet pelos grupos de pessoas que participaram nesta pesquisa influenciam positivamente as suas relações sociais. Também verificou-se que usar essas tecnologias é uma forma de potenciar a interação social, importante aspecto para envelhecer ativo e com qualidade de vida.

TOO OLD FOR TECHNOLOGY?  
HOW THE NEW INFORMATION  
AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES  
AFFECT THE SOCIAL RELATIONSHIP  
OF OLDER PEOPLE IN PORTUGAL

abstract

This research analyses the importance of the adoption and use of new ICT, namely, the computer, the internet and the cell phone in



the relationships of older adults in Portugal. The methodology used centred on focus groups and semi-structured interviews. We worked with four groups totalling of 21 seniors aged between 61 and 93 years old, who lived in the Lisbon area. We found that the cell phone was considered to be indispensable for their social life, whereas the computer and the internet were seen as beneficial to society. As a result, we can assert that the use and adoption of these technologies positively influenced their social relationship.

#### key words

Information and Communication Technologies. Seniors. Social Relationships. Aging.

#### referências

- ALVES, Rozane da Silveira et al. O uso das tecnologias de informação e comunicação pela terceira idade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 2., 2012, Lisboa. *Anais...* Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2012. p. 1752-1764. Disponível em: <<http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/250.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2014.
- BERNARD, Miriam; PHILLIPS, Judith. The challenge of ageing in tomorrow's Britain. *Ageing and Society*, Cambridge, v. 20, n. 1, p. 33-54, Jan. 2000.
- CAREY, Martha Ann. The Group Effect in Focus Groups: Planning, Implementing, and Interpreting Focus Group Research. In: MORSE, Janice M. (Ed.). *Critical Issues in Qualitative Research Methods*. London: Sage, 1996. p. 225-241.
- CASTELLS, Manuel. (1996). *The Rise of the Network Society*. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 2000. Blackwell, 2000. (The Information Age: Economy, Society, and Culture, v. 1)
- CHARNESS, Neil; SCHAE, K. Warner. *Impact of Technology on Successful Aging*. New York: Springer, 2003. (Springer Series on the Societal Impact on Aging)
- CHAUMON, Marc-Eric Bobillier et al. Can ICT improve the quality of life of elderly adults living in residential home care units? From actual impacts to hidden artefacts. *Behaviour & Information Technology*, London, v. 33, n. 6, p. 574-590, June 2014.
- CHEN, Hongtu. Introduction to Special Section on Aging and the Internet. *Ageing International*, New York, v. 32, n. 1, p. 1-2, Mar. 2008.
- COTTEN, Shelia R. et al. Internet use and depression among older adults. *Computers in Human Behavior*, New York, v. 28, n. 2, p. 496-499, Mar. 2012.
- COTTEN, Shelia R.; ANDERSON, William A.; MCCULLOUGH, Brandi M. Impact of Internet Use on Loneliness and Contact with Others Among Older Adults: Cross-Sectional Analysis. *Journal of Medical Internet Research*, Pittsburgh, v. 15, n. 2, p. e39, Feb. 2013.
- COULSON, Irene. Introduction: Technological challenges for gerontologists in the 21st century. *Educational Gerontology*, New York, v. 26, n. 4, p. 307-315, June 2000.
- CRANG, Mike; GRAHAM, Stephen. *Multispeed Cities and the Logistics of Living in the Information Age*. Research Project. Swindon: Economic and Social Research Council, 2005.

CZAJA, Sara J.; LEE, Chin Chin. The impact of aging on access to technology. *Universal Access in the Information Society*, Berlin, v. 5, n. 4, p. 341, Apr. 2007.

DIAS, Isabel. O uso das tecnologias digitais entre os seniores: motivações e interesses. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 68, p. 51-77, jan./abr. 2012.

DURAN, Robert L.; KELLY, Lynne; ROTARU, Teodora. Mobile Phones in Romantic Relationships and the Dialectic of Autonomy Versus Connection. *Communication Quarterly*, Lancaster, OH, v. 59, n. 1, p. 19-36, Jan. 2011.

EUROSTAT. *Active ageing and solidarity between generations: A statistical portrait of the European Union 2012*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2011.

FERREIRA, Maria Aparecida Santana; ALVES, Vicente Paulo. Representação social do idoso do Distrito Federal e sua inserção social no mundo contemporâneo a partir da Internet. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 699-712, out./dez. 2011.

GEHLEN, Arnold. *Urmensch und Spätkultur: Philosophische Ergebnisse und Aussagen*. Bonn: Athenäum, 1956.

GONZÁLEZ LÓPEZ, Antonio; RAMÍREZ LÓPEZ, María Paz; HERNÁNDEZ VIADEL, José Vicente. Attitudes of the Elderly Toward Information and Communications Technologies. *Educational Gerontology*, New York, v. 38, n. 9, p. 585-594, Sept. 2012.

GREEN, Eileen; SINGLETON, Carrie. 'Gendering the Digital': The Impact of Gender and Technology Perspectives on the Sociological Imagination. In: ORTON-JOHNSON, Kate; PRIOR, Nick (Ed.). *Digital Sociology: Critical Perspectives*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013. p. 34-47.

HABUCHI, Ichiyo. Accelerating Reflexivity. In: MIZUKO, Ito; OKABE, Daisuke; MATSUDA, Misa (Ed.). *Personal, Portable, Pedestrian: Mobile Phones in Japanese Life*. Cambridge: MIT Press, 2005. p. 165-182.

HAGBERG, Jan-Erik. Being the oldest old in a shifting technology landscape. In: LOOS, Eugène; HADDON, Leslie; MANTE-MEIJER, Enid (Ed.). *Generational Use of New Media*. Surrey: Ashgate, 2012. p. 89-106.

HALLORAN, James. Mass communication research: Asking the right questions. In: HANSEN, Ann. *Mass communication research methods*. London: Sage, 1998. p. 1-32.

HORRIGAN, John B. *Closing Online Access Gaps for Older Adults*. Washington, DC: Time Warner Cable Research Program on Digital Communications: Fall 2014. Disponível em: <<http://www.twcresearchprogram.com/pdf/TWC%20Horrigan%20Project%20GOAL%20Paper.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2015.

HORST, Heather A.; MILLER, Daniel (Ed.). *Digital Anthropology*. London: Berg, 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). *Censos – Resultados definitivos*. Portugal – 2011. Lisboa, 2012. Disponível em: <[http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine\\_censos\\_publicacao\\_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub\\_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554)>. Acesso em: 9 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Departamento de Estatísticas Censitárias e de População do INE. O envelhecimento em Portugal: situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas. *Revista de Estudos Demográficos*, Lisboa, p. 185-208, 2. sem. 2002.

INTERNATIONAL TELECOMMUNICATION UNION (ITU). *Measuring the Information Society*. 2012. Geneva, 2012. Disponível em: <[https://www.itu.int/er/ITU-D/Statistics/Documents/publications/mis2012/MIS2012\\_without\\_Annex\\_4.pdf](https://www.itu.int/er/ITU-D/Statistics/Documents/publications/mis2012/MIS2012_without_Annex_4.pdf)>. Acesso em: 9 out. 2016.

JOHNSEN, Truls Erik. The Social Context of the Mobile Phone Use of Norwegian Teens. KATZ, James E. (Ed.). *Machines That Become Us: The Social Context of Personal Communication Technology*. New Brunswick: Transaction, 2003. p. 161-170.

KHVOROSTIANOV, Natalia; ELIAS, Nelly; NIMROD, Galit. 'Without it I am nothing': The internet in the lives of older immigrants. *New Media & Society*, Thousand Oaks, CA, v. 14, n. 4, p. 583-599, June 2012.

KITZINGER, Jenny. Qualitative Research: Introducing focus groups. *British Medical Journal*, London, v. 311, n. 7000, p. 299-309, July 1995.

LUPTON, Deborah. *Digital Sociology*. New York: Routledge, 2015.

MELLOR, David; FIRTH, Lucy; MOORE, Kathleen. Can the Internet Improve the Well-being of the Elderly?. *Ageing International*, New York, v. 32, n. 1, p. 25-42, Mar. 2008.

MERTON, Robert; KENDALL, Patrícia. *The Focused Interview: A Manual of Problems and Procedures*. New York: Free Press, 1990.

MORGAN, David L. Focus Groups. *Annual Review of Sociology*, Palo Alto, CA, v. 22, p. 129-152, Aug. 1996.

NEVES, Bárbara Barbosa; AMARO, Fausto. Too Old For Technology?: How The Elderly Of Lisbon Use And Perceive ICT. *The Journal of Community Informatics*, Vancouver, v. 8, n. 1, p. 1-22, 2012.

NEVES, Rui; PEREIRA, Claudia. Os idosos e as TIC – competências de comunicação e qualidade de vida. *Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 5-26, mar. 2011.

NIMROD, Galit. The Fun Culture in Seniors' Online Communities. *The Gerontologist*, Washington, DC, v. 51, n. 2, p. 226-237, Apr. 2011.

OVERCOM. *A Sociedade em Rede: A Internet em Portugal – 2012*. Lisboa, maio 2012. Disponível em: <<https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/06/A-Sociedade-em-Rede-A-Internet-em-Portugal-2012.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2016.

OLIVEIRA, Catarina Resende de et al. *Estudo do perfil do envelhecimento da população portuguesa*. Lisboa: FMUC, 2010.

OLIVEIRA, José H. Barros de. *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. 2. ed. Porto: Livsic, 2005.

ORLANDI, Brunela Della Maggiori; PEDRO, Wilson José Alves. Pessoas idosas e a busca por informações em saúde por meio da internet. *Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 279-293, jun. 2014.

PATRÍCIO, Maria Raquel Vaz. *Aprendizagem Intergeracional com Tecnologias de Informação e Comunicação*. 2014. 270 f. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação: Especialidade em Tecnologia Educativa) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2014.

PETRELLA, Simone; PEREIRA, Sara; PINTO, Manuel. Literacia Mediática e Comunicação Intergeracional. Estudo das Trocas e Partilhas no 'Encontro' entre Gerações Distantes. In: PINTO COELHO, Zara; FIDALGO, Joaquim (Ed.). *Comunicação e Cultura: I Jornadas de Doutorandos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais*. Braga: CECS, 2012. p. 133-145.

PHILLIPSON, Chris. The 'elected' and the 'excluded': sociological perspectives on the experience of place and community in old age. *Ageing & Society*, Cambridge, v. 27, n. 3, p. 321-342, May 2007.

ROBERTO, Magda Sofia; FIDALGO, António; BUCKINGHAM, David. O papel da solidariedade intergeracional no âmbito da literacia digital. *Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 9-25, jun. 2014.

SELWYN, Neil. Apart from technology: understanding people's non-use of information and communication technologies in everyday life. *Technology in Society*, New York, v. 25, n. 1, p. 99-116, Jan. 2003.

\_\_\_\_\_. The information aged: A qualitative study of older adults' use of information and communications technology. *Journal of Aging Studies*, New York, v. 18, n. 4, p. 369-384, Nov. 2004.

SINCLAIR, Stephen et al. *Social Inclusion and Communications: a Review of the Literature* (Final Report). London: Ofcom, Nov. 2007. Disponível em: <[http://www.communicationsconsumerpanel.org.uk/downloads/Research/LowIncomeConsumers\\_Research/Social%20inclusion%20and%20communications/Social%20inclusion%20and%20communications.pdf](http://www.communicationsconsumerpanel.org.uk/downloads/Research/LowIncomeConsumers_Research/Social%20inclusion%20and%20communications/Social%20inclusion%20and%20communications.pdf)>. Acesso em: 9 out. 2016.

TURKLE, Sherry. Computational Reticence: Why Women Fear the Intimate Machine. In: KRAMARAE, Cherris. *Technology and Women's Voices*. New York: Pergamon Press, 1986. p. 46-61.

UNITED NATIONS (UN). Press Release. *In Adress to World Economic Forum, Secretary-General Says Globalization Must Work for All*. New York, 2001a. Disponível em: <<http://www.un.org/press/en/2001/sgsm7692.doc.htm>>. Acesso em: 4 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. *Ageing in the Twenty-First Century: A Celebration and A Challenge*. New York: United Nations Population Fund, 2012.

\_\_\_\_\_. Department of Economic and Social Affairs. *World Population Ageing: 1950-2050*. New York, 2001b. Disponível em: <<http://www.un.org/esa/population/publications/worldageing19502050/>>. Acesso em: 1 jan. 2013.

VAN DEURSEN, Alexander. Age and Internet Skills: Rethinking the Obvious. In: LOOS, Eugène; HADDON, Leslie; MANTE-MEIJER, Enid (Ed.). *Generational Use of New Media*. Surrey: Ashgate, 2012. p. 170-184.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Active Ageing: A Policy Framework. *The Aging Male*, New York, v. 5, n. 1, p. 1-37, 2002.

Recebido: 20/11/2015  
Aceite Final: 18/10/2016